
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO

Márcio Roberto Pereira
(UNESP-Assis)

As tradições de Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega, como aqueles continuaram as de José Basílio da Gama e Santa Rita Durão. Escusado é dizer a vantagem deste universal acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional.

Machado de Assis, *Instinto de nacionalidade*, 1873

De um modo geral, apesar dos predecessores, a crítica literária brasileira começou a fazer sua história no final do século XIX. Adotando as mais diversas teorias em voga — o positivismo de Augusto Comte, a filosofia evolutiva de Spencer, o evolucionismo de Haeckel, entre muitas outras teorias — chamadas de “idéias novas”, a chamada “geração de 70”, formada por Sílvio Romero, José Veríssimo, Araripe Júnior, entre outros, associam crítica e história literária para explicar os movimentos artísticos brasileiros: “Foi nos próprios livros franceses de Littré, de Quinet, de Taine ou de Renan, influenciados pelo pensamento alemão e também pelo inglês, que começamos desde aquele momento a instruir-nos de novas idéias” (VERÍSSIMO 1916: 347).

Adotando pontos de vista distintos, os críticos do século XIX propõem vários critérios para a avaliação da cultura nacional: Sílvio Romero, por exemplo, aponta para um caminho no qual o nativismo e o nacionalismo contribuem para a evolução literária. José Veríssimo, por outro lado, percorre várias veredas ao confrontar o culturalismo de Romero uma concepção de literatura como “arte literária”.

Através das discussões de conceitos e critérios que fazem o exercício da crítica, a “geração de 70” redimensiona o “fazer crítico” promovendo uma

reviravolta no conhecimento das obras literárias, traçando valores para a qualidade e permanência da literatura:

Pode haver, no mínimo, duas espécies de crítico: o prático, apenas interessado numa leitura consciente, sem maiores preocupações de método ou de doutrina, embora deva seguir uma coerência interna; e o teórico, voltado para a formulação de princípios ou para a investigação de noções sistematizadoras da leitura e da apreciação. Evidentemente, o crítico teórico preocupa-se mais com a teoria literária do que propriamente com a crítica aplicada, embora sua atividade decorra da experiência concreta com obras individuais. Enfim, a teoria literária subjaz a qualquer leitura consciente, responsabilizando-se pela coerência e pela sistematização do estudo, da análise e da avaliação da obra em particular. (TEIXEIRA 1998: 38)

Em sentido amplo, Ivan Teixeira demonstra que a crítica literária fundamenta-se em dois métodos que, aparentemente distintos, cruzam-se ao formar o arcabouço do crítico. Para José Veríssimo, os caminhos encontrados para a análise literária, percorriam dois sentidos que se cruzavam entre o teórico e o prático. Ao formular um plano global para a compreensão da literatura brasileira, o crítico paraense utilizará vários norteadores, desde as idéias novas do Naturalismo e Realismo até as concepções de Machado de Assis, que o levará a formar um horizonte do provável caminho para o entendimento da cultura e índole nacional.

Ao escrever sua *História da literatura*, José Veríssimo tem em mente reunir toda sua experiência como crítico e ao mesmo tempo propor um caminho de independência cultural brasileira, no qual o Brasil passaria do instinto de nacionalidade, como define Machado de Assis, para um sentimento de universalidade. Tal sentimento, no que se refere a Veríssimo, pode partir de duas coordenadas: a primeira resgata a posição de José Veríssimo como um leitor preocupado e atento ao contexto literário mundial. Em segundo lugar, observa-se um leitor que pretende transferir suas experiências para outros leitores e, a partir daí, formar uma inteligência nacional capaz de filtrar aquelas obras que maior ou menor valor literário. No início do século XIX, Veríssimo afirmava que:

A nossa literatura não fez impressão muito funda na imaginação do país, nem influenciou profundamente o seu caráter, porque, na maior parte, carece de profundidade de sentimento e de uma íntima sinceridade. Parece ter recuado perante as fundas

convicções, os fortes sentimentos, as grandes emoções. Mostrou-se admirável na forma, sã de aspecto e muitas vezes encantadora no estilo; mas faltou-lhe na máxima parte a força elementar. Não pintou as grandes paixões, nem revelou as forças produtoras, sempre em trabalho, no mais profundo da consciência popular. Uma parte considerável desta literatura parece haver participado do receio convencional de mostrar sentimentalismo, o vexame convencional de dar mostras de grande emoção... (1902: 52)

Apesar do pessimismo de José Veríssimo, neste ensaio, publicado entre 1899 a 1900, o crítico paraense apresenta um importante ponto de vista sobre a literatura brasileira através de um crítico norte-americano chamado Hamilton W. Mabie que distingue a literatura entre subsidiária e representativa. Em linhas gerais, a literatura representativa conseguiria transpor as barreiras do local e transformar-se em universal. Esse pode ser um importante indício para a formação da concepção crítica de Veríssimo ao montar uma história literária separando o secundário artisticamente daquilo que é mais importante na literatura nacional. Para Veríssimo, assim como para Mabie, a literatura possui uma função social ao representar o espírito e o caráter nacional trazendo, assim, unidade a uma nação. Observe, por exemplo, a posição de Veríssimo frente ao Arcadismo e sua época:

A literatura dessa época, tomada a expressão do seu mais lato sentido, revela a formação vagarosa e ainda obscura mas certa de uma gente que começa a ter o sentimento de si mesma, que dá provas de inteligência e capacidade mental e que, tendo a confiada opinião da excelência da sua pátria, não tardará muito que não entre a pensar na sua autonomia política. O estímulo daquilo que, na obscuridade dos rincões pátrios, escreviam e guardavam esses historiógrafos desinteressados e modestos, andaria já recôndito no sentimento popular. É por isso que, sem embargo da sua formação portuguesa, e do seu respeito e apego às tradições espirituais da metrópole, os poetas brasileiros das últimas décadas do século XVIII foram, com espontaneidade que lhes explica a distinção, os intérpretes de tal sentimento. Fato significativo, a poesia de então, pelo estro de Santa Rita Durão, propõe-se claramente a cantar o Brasil com a mesma intenção patriótica com que Camões cantara Portugal. (1916: 123-24)

José Veríssimo acredita que a literatura brasileira passa por um processo de *subsidiária* para transformar-se, de geração a geração, em *representativa*. Isso se torna patente quando Veríssimo pontua os principais escritores da literatura brasileira — Gregório de Matos, Gonçalves Dias e Machado de Assis — no decorrer de várias escolas literárias cuja grande parte de seus autores exerce um papel de “engrossadores literários”, como define o crítico.

Em 1912, ano da Introdução da *história*, José Veríssimo aproveita a leitura de Mabie e afirma:

Muitos dos escritores brasileiros, tanto do período colonial como do nacional, conquanto sem qualificações propriamente literárias, tiveram todavia uma influência qualquer em a nossa cultura, a fomentaram ou de algum modo a revelaram. Bem merecem pois da nossa literatura. Erro fôra não os admitisse sequer como subsidiários, a história dessa literatura. (1916: 15)

Nota-se, portanto, que o crítico paraense absorve teorias críticas que formavam o painel cultural da época e tenta encontrar respostas para a formação literária e cultural do Brasil. Pode-se afirmar, portanto, que sua *História* é um remate de suas indagações sobre o processo cultural e amadurecimento da nação brasileira. Nesse processo, no entanto, o crítico percorre muitos caminhos, e muitas veredas, em busca de soluções para o processo de formação cultural do Brasil. José Veríssimo sintetiza suas leituras e encontra o seguinte caminho:

A história da literatura brasileira é, no meu conceito, a história do que da nossa atividade literária sobrevive na nossa memória coletiva de nação. Como não cabem nela os nomes que não lograram viver além do seu tempo não cabem nomes que por mais ilustres que regionalmente sejam não conseguiram, ultrapassando as raias das suas províncias, fazer-se nacionais. Este conceito presidiu à redação desta história, embora com a largueza que as condições peculiares à nossa evolução literária impunham. Ainda nela entram muitos nomes que podiam sem inconveniente ser omitidos, pois de fato bem pouco ou quase nada representam. Porém uma seleção mais rigorosa é trabalho para o futuro. (1916: 18)

José Veríssimo adquire a certeza de que uma história da literatura deve articular um pano de fundo histórico e social, que envolve a formação do leitor e do cidadão, aliado a obras de ficção que refletem o amadurecimento e

originalidade da nação brasileira. Veríssimo procura, deste modo, estabelecer um processo de humanização da nação brasileira cujo principal aspecto é reconhecido na liberdade de seguir caminhos originais e universais. A literatura surge, assim, para o crítico como um reflexo da representação da nação e do povo brasileiro cuja união forma o que Veríssimo chama de “evolução”:

A crença na continuidade e na manifestação de um propósito inerente à história, assim como na marcha do tempo em geral, vem sendo alimentada nas religiões e no pensamento político do Ocidente desde os primórdios. Ela se verificou até mesmo na cultura do século XIX, não somente no pensamento da época, como também nos longos romances que deslizaram através de crises e complicações para chegarem a uma conclusão inevitável, nas sinfonias que se afastaram da tonalidade em que foram criadas e depois retornaram à mesma tonalidade, nos quadros que foram momentos de um movimento reprimido, como os auto-retratos de Van Gogh ou as bailarinas de Degas. (FRYE 1973: 85)

Em consonância com as idéias do seu tempo, José Veríssimo procura aproveitar-se de todas as correntes críticas para elaborar seu caminho e, deste modo, tratar a literatura brasileira conforme suas peculiaridades: “Em literatura, como na vida, nada é mais difícil que a independência completa. Mas deseja-la sinceramente e praticá-la, de boa fé, já um grande mérito” (1902: 52).

A procura pela independência crítica leva Veríssimo a optar por um eclético caminho no qual misturam-se idéias de vários pensadores franceses, ingleses, americanos, brasileiros, entre muitos outros. Dessa gama de influências, José Veríssimo depreende que “todas as artes têm um ponto inicial comum: a expressão de emoções, a representação idealizada ou não da vida” (1907: 25). Tal idéia serve como linha de sustentação para os dezenove capítulos que compõem a *História* cujas coordenadas se pautam entre a expressão da emoção — literariedade — e a representação da realidade nacional. A *História* é, portanto um ponto de fusão da carreira de Veríssimo no qual:

Opondo-se, inicialmente, a uma conceituação da historiografia literária nos termos em que esta era praticada, por exemplo, por um Sílvio Romero, o que José Veríssimo termina por adotar é um ponto de vista de conciliação entre o naturalismo crítico e o impressionismo — este último aparecendo como uma retomada da tradição oitocentista das belas-letas, sobretudo através de sua

definição inicial da Literatura como arte literária. (BARBOSA 1974: 197)

O ponto de conciliação para José Veríssimo este também presente em suas várias leituras, entre as quais Machado de Assis, norteador de suas posições crítica pautadas, principalmente, na busca de unidade e autonomia para a literatura nacional:

A literatura que se escreve no Brasil é já expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente portuguesa. É isto absolutamente certo desde o Romantismo, que foi a nossa emancipação literária, seguindo-se naturalmente à nossa independência política. Mas o sentimento que o promoveu e principalmente o distinguiu, o espírito nativista primeiro e o nacionalista depois, esse veio formando desde as primeiras manifestações literárias, sem que a vassalagem ao pensamento e o espírito português lograsse jamais abafa-lo. É exatamente essa persistência no tempo e no espaço de tal sentimento manifestado literariamente, que dá à nossa literatura a unidade e lhe justifica a autonomia. (1916: 1)

Observe que o crítico deixa claro, no primeiro parágrafo de sua obra magna, que o Brasil possui uma autonomia que se vincula a criação de novos parâmetros para a arte literária e novos modelos críticos para o refinamento da arte brasileira. Emancipação significará procurar novos caminhos para uma nação que estabelece sua independência artística pautada na transformação do espírito nativista em sentimento nacional e que, por conseguinte, em sentimento universal. Os modelos críticos e literários, para José Veríssimo, deixam de ser portugueses e passam a ser universais no qual a principal regra é olhar com pessimismo para qualquer modelo crítico e, só depois disso, extrair de tal modelo o que ele tem de melhor. Um modelo crítico perfeito para José Veríssimo conseguiria unidade de expressão, de inspiração e pensamento, características essas somente encontradas na obra de Machado de Assis.

Para tanto, José Veríssimo buscará em suas fontes aquelas idéias que ratificam a criação de uma tradição literária brasileira desde Bento Teixeira até Machado de Assis, passando da dependência para a consolidação de um pensamento distinto e original. Assim sendo, observe a afirmação do crítico paraense, em conferência na Biblioteca Nacional no dia 26 de setembro de 1912 e reunida e nas páginas dos *Últimos estudos de literatura brasileira*, ao se referir à tradição literária nacional:

A regra aqui é desconhecer e negar o que fizeram os nossos antepassados e o que por acaso lhe devemos. Não há mofino rabiscador literário, fútil verzejador de estafados temas de amor, escrevinhador medíocre de contos e novelas arremedados do francês que não se persuade candidamente que a literatura brasileira recomeçou com ele, e que tudo o que ficou atrás é miserável e indigno de leitura, ou como se não existisse. Não é preciso insistir nas funestas conseqüências, para a constituição definitiva de uma característica literária nacional, desta falha, que é ao mesmo tempo mental e moral. (1979: 55)

Fica patente a intenção de Veríssimo em separar a literatura brasileira em dois grandes blocos que se interagem na busca do sentimento nacional. Sendo a *evolução literária* uma idéia marcante na crítica de Veríssimo, é possível afirmar que o crítico percorre um caminho no qual a os valores literários estão inteiramente ligados aos valores sociais e, por assim dizer, suas leituras críticas tentam dinamizar um *continuum* processo de busca da significação da literatura para a sociedade e, por conseguinte, a efetivação de um cânone literário nacional que demonstrasse a *evolução* das letras brasileiras. Essa evolução toma forma na *História da literatura brasileira* porque esta será o ponto de união entre todos aqueles critérios que serviam de ingredientes para a crítica de Veríssimo: etnologia, nacionalismo, arte literária, influências estrangeiras, Machado de Assis, impressionismo, entre outros.

O crítico procura, portanto, evidenciar uma linha invisível na literatura brasileira que forme uma tradição cuja relação texto e contexto geram perspectivas tanto nacionalistas — etnologia, cor local, sentimento nacional — quanto universalistas — arte literária, impressionismo, diálogos críticos — que redundam num amplo processo de entendimento e interpretação da realidade cultural e social do Brasil. Assim sendo, o desenvolvimento crítico de José Veríssimo acompanha o desenvolvimento literário nacional interagindo-se entre si:

Certamente nesse período de formação das nações americanas, carecedoras ainda de um real sentimento ou pensamento próprio, o que pode dar à sua literatura alguma diferença e sainete é a representação das feições pitorescas que lhe são peculiares. Nada obsta, porém, que também aquelas que lhes são comuns com outras sociedades mais antigas e já formadas, como as européias, possam ter o interesse literário, e que não haja na alma elementar destes povos primários aspectos dignos de

atenção da literatura. Há sempre num povo alguma coisa de íntimo que lhe é próprio, como no indivíduo algo recôndito e importante que o distingue. Ao escritor cabe descobri-lo e à literatura representa-lo em suas relações morais e sociais. (1916: 1)

O cânone proposto por Veríssimo em sua *História* analisa o processo de amadurecimento da literatura brasileira e vislumbra um caminho pelo qual o crítico ultrapassa as barreiras do nacionalismo — muito presentes nas críticas com padrões etnográficos — e o redimensiona, através de suas incessantes leituras, a categorias estético-literárias na qual a cor local passa a ser um componente do aspecto universal da obra de arte. O crítico propõe, assim, um cânone cuja *representação* literária nacional insira o Brasil num contexto mundial sem perder suas características peculiares. O modelo para tal pensamento é encontrado por José Veríssimo na obra daquele que será o centro do cânone literário nacional: Machado de Assis.

Segundo Otto Maria Carpeaux (1900-1978), o último capítulo da *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo, o qual insere Machado de Assis no cume da literatura brasileira, vale, até hoje, como definitivo.

A opinião de Carpeaux, datada de 1949 e válida para os dias atuais, mostra a intenção de José Veríssimo em construir uma história da literatura tendo como parâmetro a obra de Machado de Assis.

Retomando todas as opiniões dos artigos anteriormente escritos sobre o autor de *Falenas*, tal capítulo não traz novidades. É mais uma asseveração definitiva, de José Veríssimo, sobre aquelas qualidades que fazem de Machado de Assis um escritor singular.

O capítulo XIX, “Machado de Assis”, inicia-se com um breve comentário biográfico sobre o escritor fluminense seguido por um panorama de todas as suas atividades literárias — poesia, romance, conto, crítica e teatro — em que José Veríssimo faz uma relação entre a obra de Machado de Assis e a produção literária brasileira. Segundo Veríssimo:

A data do seu nascimento e do seu aparecimento na literatura o fazem da última geração romântica. Mas a sua índole literária, avessa à escolas, a sua singular personalidade, que lhe não consentiu jamais matricular-se em alguma, quase desde os seus princípios fizeram dele um escritor à parte, que tendo atravessado vários momentos e correntes literárias, a nenhuma realmente aderiu. Senão mui parcialmente, guardando sempre a sua isenção. (1916: 415)

De modo geral, a relação entre Machado de Assis e a literatura brasileira é que dará tensão ao pensamento de José Veríssimo. Trata-se, portanto, de mostrar que Machado de Assis sintetiza em si uma longa tradição iniciada por Bento Teixeira, e ao mesmo tempo representa o maior talento individual brasileiro. Dessa relação, ou tensão, José Veríssimo conclui que Machado de Assis consegue superar todos os outros escritores brasileiros em talento, diferenciação das letras nacionais e identidade local.

Para Veríssimo, Machado de Assis não é um acidente literário, mas um escritor que passa por um depuramento em que tradição e talento individual travam um “agon” na busca pela originalidade. Não é possível imaginar limites artísticos a Machado de Assis. Por isso a sua obra é lida e relida, mas nunca esgotada:

Poeta ou prosador, ele não se preocupa senão da alma humana. Entre os nossos escritores, todos mais ou menos atentos ao pitoresco, aos aspectos exteriores das coisas, todos principalmente descritivos e emotivos, e muitos resumindo na descrição toda a sua arte, só por isso secundária, apenas ele vai além e mais fundo, procurando, sob as aparências de fácil contemplação e igualmente fácil relato, descobrir a mesma essência das coisas. (1916: 424)

Machado de Assis constrói-se a si próprio, temperando os rígidos pressupostos das “escolas literárias” e diluindo-os num sabor mais pessoal, em que essencial, como afirma o próprio Machado, é a alma do homem.

Escritor desde os seus princípios consciente e reflexivo, que nunca se deixou arrastar pelas modas literárias, e menos correu após a voga do dia, Machado de Assis, ainda cedendo à influência da inspiração americana, fê-lo com tão discreto sentimento e em forma tão pessoal e tão nova, que o seu indianismo, certamente inferior ao de Gonçalves Dias como emoção e expressão tocante, tem um sainete particular e uma genialidade maior, o que acaso lhe assegura um melhor futuro. (1916: 423)

Machado de Assis é, na literatura brasileira, aquele escritor que estabelece os padrões para a crítica construir uma análise que tenha como pontos de apoio o talento e a originalidade. Porém, vir depois de Machado de Assis é um destino complexo porque a “tradição não é apenas um passar adiante ou processo de transmissão benigna; é também um conflito entre

gênio passado e aspiração presente, em que o prêmio é a sobrevivência literária ou a inclusão canônica” (BLOOM 1955: 18).

Pontuando a literatura brasileira antes e depois de Machado de Assis, José Veríssimo acredita que a originalidade nas letras nacionais deve ter como medida a obra de Machado de Assis; “ninguém mais do que ele podia ter sido o crítico cuja falta lastimou como um dos maiores males da nossa literatura. Em compensação deixou-lhe um incomparável modelo numa obra de criação que ficará como o mais perfeito exemplar do nosso engenho nesse domínio” (1916: 435).

As palavras de Veríssimo demonstram a dupla importância de Machado de Assis: por um lado ele representa um exemplo para os escritores futuros e, por outro, representa uma “medida única” para a análise do passado literário brasileiro e descoberta dos melhores talentos.

Seguindo, assim, o exemplo de Machado de Assis, o nacionalismo não poderia ser um critério exclusivo da crítica. Ao escritor é necessário muito mais que a cópia das *vaporosas ardências do céu tropical*. Em carta a José de Alencar, no dia 29 de fevereiro de 1868, Machado de Assis dá o tom de sua posição: “Compreende V. Ex.a. que, onde a crítica não é intuição formada e assentada, a análise literária tem de lutar contra esse entranhado amor fraternal que faz dos nossos filhos as mais belas crianças do mundo” (ASSIS 1959: 2.365).

Nesse sentido, Veríssimo, além de aprender que interpretar é elege — *ex-legere*: escolher —, aprende, também, que a única medida para a crítica literária é a obra literária. Por isso, José Veríssimo escolhe, para seu cânone, aquelas obras que conseguiram uma percepção singular das coisas ou, em outras palavras, conseguiram uma renovação. Assim é o caso de Machado de Assis que:

Da arriscada repetição do velho tema da vaidade de tudo e do engano da vida, a que o *Eclesiastes* bíblico deu a consagração algumas vezes secular, saiu-se galhardamente Machado de Assis. Transportando-o para o nosso meio, incorporando-o no nosso pensamento, ajustando-o às nossas mais íntimas feições, soube renová-lo pela aplicação particular, pelos novos efeitos que dele tirou, pelas novas faces que lhe descobriu e expressão pessoal que lhe deu. (1916: 429)

A fórmula da grandeza de Machado de Assis está numa harmonia entre vários fatores: talento individual, renovação da tradição, originalidade das idéias, “unidade de inspiração, de pensamento e de expressão” (VERÍSSIMO 1916: 430). O resultado disso é a obtenção do maior escritor brasileiro. Maior

ao redefinir o passado, definir o presente e indicar o futuro. Como afirma o próprio Machado: “Faça muito embora um homem a volta do mundo em 80 dias; para uma obra-prima do espírito são precisos alguns mais” (ASSIS 1938: 143). Discordar de Machado de Assis é, no mínimo, perigoso.

Veríssimo analisa Machado de Assis como uma individualidade literária, rompendo com os modelos científicos e naturalistas de sua época e adotando métodos que valorizem o estético. José Veríssimo percebe, por exemplo, que enquanto a obra de Machado de Assis caminha num *crescendo* em busca do universal, capaz de determinar a profundidade e a essência dos comportamentos humanos, os românticos brasileiros perdem-se nos caminhos do pitoresco e da aparência sob as diferentes formas, sobretudo a do regionalismo e do indianismo. Machado pode até possuir alguns traços indianistas, porém,

ainda assim o seu sentimento não é o mesmo de Gonçalves Dias ou de Alencar. Tinha Machado de Assis mais espírito crítico e menos sentimento romântico, e era de todo estranho a quaisquer influências ancestrais ou mesológicas que porventura atuaram nos dois, para que caísse completamente no engano do indianismo, como ainda sucedeu a Varela. (1916: 424)

Machado de Assis “fez ele próprio”. É essa a resposta de Veríssimo que ecoa por todos seus ensaios literários sobre o escritor fluminense, vistos anteriormente, e está presente nas páginas de sua *História literária*. Sendo Machado de Assis um caráter independente na literatura brasileira, o crítico tem plena certeza de que as “escolas literárias” funcionam apenas como um determinante histórico.

José Veríssimo consegue salientar o caráter independente de Machado de Assis porque toma como apoio o próprio talento do escritor fluminense e, por outro lado, toma o tempo — perenidade — como medida de excelência para ter a certeza que Machado de Assis não é um escritor transitório e sim permanente. Consegue compreender a obra literária em si numa espécie de filtragem, e não simplesmente a usa como pretexto na aplicação de um método. Daí sua desconfiança das “escolas literárias”.

Singular personalidade, que lhe não consentiu jamais matricular-se em alguma, quase desde os seus princípios fizeram dele um escritor à parte, que tendo atravessado vários momentos e correntes literárias, a nenhuma realmente aderiu senão mui parcialmente, guardando sempre a sua isenção. (1916: 415)

De imediato este raciocínio também marca a relação de Machado de Assis com outros escritores do cânone proposto por José Veríssimo. O escritor fluminense será o ponto máximo de diferenciação e talento na literatura brasileira num trabalho iniciado por Bento Teixeira em 1601, passando por vários “cumes” literários. Pois, como afirma Otto Maria Carpeaux, “*Histórias sem data* chama-se um volume de contos seus, e ‘sem data’ é a sua obra inteira” (1963: 5.2145).

José Veríssimo inicia um processo de filtragem em que a literatura brasileira começa a ser compreendida em sua singularidade e não mais como um mero produto da sociedade:

A preocupação nacionalista o conduzia às leituras universais, pois somente estas poderiam fornecer-lhe os pontos de comparação de que necessitava, as leituras universais despertaram-lhe ou acentuaram-lhe a inclinação estética, da mesma forma porque esta última o projetava para aquelas; enfim; Veríssimo, dominado pelo ideal de uma literatura brasileira, não entendia nem o adjetivo nem no sentido político, nem no sentido sociológico, nem no sentido patriótico: ele queria, sim, uma literatura brasileira, mas que fosse, antes e acima de tudo, uma grande literatura. (MARTINS 1957: 5)

José Veríssimo começa a perceber que juntamente com a história da literatura brasileira deveria valorizar uma história *literária* brasileira, dando maior importância àqueles escritores que conseguiram ser o ponto de culminância da literatura nacional como, por exemplo, Gonçalves Dias, José de Alencar e Machado de Assis. A experiência crítica de Veríssimo mostra uma incessante procura por caminhos para a compreensão e sistematização da literatura brasileira. Nesse sentido, sua *História da literatura brasileira* não poderia tomar outros caminhos senão aqueles no qual o aspecto estético da obra se atrelasse a construção da nacionalidade brasileira, fazendo com que o crítico escolhesse os melhores escritores pelo critério literário e, como pano de fundo, mostrando a *evolução* social do Brasil, daí sua obra magna ser dividida em dois grandes blocos: o período colonial e o período nacional. Por isso afirmar que José Veríssimo montará sua *História da literatura brasileira* calcado em suas experiências como leitor universal, como interprete da cultura e sociedade brasileiras e, ainda, na sua compreensão de Machado de Assis como o centro do cânone literário nacional:

Presuma esta *História* haver cabalmente verificado o desabrochar desse instinto desde a formação do nosso povo, bem como o seu

constante desenvolvimento a par com o deste. A espontaneidade do fenômeno não prova, entretanto, que não assentasse em um errado conceito do nacionalismo na literatura. Desde 1873, no artigo de que acabo de citar uma feliz expressão¹, Machado de Assis oferecia a primeira contrariedade, que me conste, à opinião ao seu parecer errônea, que só nas obras consoantes aquele propósito reconhecia espírito nacional e conceituosamente escrevia “não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo que o torne homem do seu próprio tempo e do seu país, ainda quando trata de assuntos remotos no tempo e no espaço”. Este programa devia ele cumpri-lo com peregrina distinção, despreocupadamente. (1916: 317-18)

As regras para a história da literatura passam, por assim dizer, pelas experiências de Veríssimo como um leitor universal que não busca uma única doutrina para montar sua *História*, mas procura selecionar todos os conceitos, teorias, pontos de vista para fazer uma obra que, apesar de incluir muitos escritores que caíram no esquecimento e deixar de lado muitos outros que permaneceram, ao menos conseguiu demarcar o *sentimento íntimo* nacional como a busca do sentimento de universalidade para a literatura brasileira: “A função faz o órgão. A aplicação constante dos nossos sentimentos nacionais na idealização literária ou noutra labor intelectual a assuntos brasileiros devia em rigor acabar por criar e desenvolver em nós aquele instinto. A história da literatura prova, aliás, que assim sucedeu” (1916: 319).

O MODERNO E O MODERNISMO

Dois capítulos, inseridos na *História da literatura brasileira*, são de grande importância para a compreensão da formação crítica de José Veríssimo, são eles o capítulo XV, intitulado “O Modernismo” e o capítulo XIX, chamado Machado de Assis. O capítulo que trata do modernismo reflete um pessimismo do crítico frente ao “bando de idéias novas” que agitavam o Brasil a partir da década de 70. O capítulo que trata de Machado de Assis, por outro lado, demonstra para Veríssimo o amadurecimento da literatura nacional e,

¹ A expressão citada é “instinto de nacionalidade” e encontra-se no artigo “Instinto de nacionalidade: notícia da atual literatura brasileira”, publicado por Machado de Assis em 24 de março de 1873, no *O Novo Mundo*, periódico ilustrado de Nova Iorque.

por conseguinte, o remate de um modelo literário nacional para o futuro. Tal modelo é iniciado por Bento Teixeira e, depois de uma longa *evolução* — do colonial para o nacional —, transforma-se na pena de Machado de Assis no melhor modelo de originalidade e inspiração para o futuro.

Para o crítico as idéias da “geração de 70”, resultantes do pensamento europeu vigente são de grande importância para revelar a consciência nacional em detrimento a expressão literária.

Atuando simultaneamente sobre o nosso entendimento e a nossa consciência, pela comoção causada nos espíritos aptos para lhes sofrer o abalo, estes diferentes sucessos produziram um salutar alvoroço, do qual evidentemente se ressentiu o nosso pensamento e a nossa expressão literária. Às idéias, nem sempre coerentes, às vezes mesmo desconstruídas daquele movimento, fadoras também nos acontecimentos sociais e políticos apontados, chamamos aqui de modernas; expressamente de “pensamento moderno”. A novidade que tinham, ou que lhe enxergávamos, foi principalíssima parte no alvoroço com que as abraçávamos. Na ordem mental, e particularmente literária, os seus efeitos se fizeram sentir numa maior liberdade espiritual e num mais vivo espírito crítico. (1916: 342)

Em relação ao aspecto qualitativo das obras literárias, a obra de Machado de Assis seria uma melhor influência para um cânone em constante formação. Para Veríssimo o “pensamento moderno” contribuiu para uma maior quantidade de autores na literatura brasileira mas poucos poderiam ser considerados escritores:

Veríssimo se afastou da ótica nacionalista, dominante na crítica do século XIX, voltada para a diferenciação literária. Ao contrário de Romero, que inseria os autores em escolas literárias, que se sucediam umas às outras, Veríssimo não julgou, de modo negativo, o afastamento de Machado em relação às tendências vigentes à época, pois tomou, como critério de avaliação; a feitura da obra. Tal enfoque se relaciona ao conceito estrito de literatura, como arte da palavra, distinto do de Romero que a tomava, em sentido amplo, como sinônimo de cultura. (VENTURA 1991: 98-9)

Poucos escritores “modernos” davam continuidade à tradição nacional porque a maioria atrelava o espírito artístico às correntes científicas da época.

A obra de Machado de Assis, por outro lado, torna-se um perene porque consegue articular o nacional de maneira universal: “Com a variedade de temas, de enredos, de ações, de episódios que distinguem cada romance de Machado de Assis no conjunto de sua obra, há em todos uma rara unidade de inspiração, de pensamento e de expressão” (1916: 430).

O crítico José Veríssimo procura sempre novos caminhos que o tornassem um interprete da cultural nacional mas, algumas vezes, muitos caminhos escolhidos por Veríssimo o levavam a cometer alguns erros. Um deles é a incompreensão da obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, cujo aparente caráter cientificista fechava os olhos do crítico para o talento de Euclides da Cunha. Enganos fazem parte do ofício da crítica.

A linguagem da crítica significa, assim, uma procura incessante de esquemas de desmontagem dos níveis de composição da linguagem-objeto, que é a obra. Por seu lado, essa busca é sempre um processo e jamais um resultado, e nisto se fundam as adequações, as justezas, a validade das aproximações. Desde que o processo se perfaz num dado esquema, inicia-se a desmontagem, já não da obra, mas da crítica: instaura-se a crítica da crítica, uma meta-metalinguagem, em que a linguagem-objeto vem a ser a mediação para o entendimento. (BARBOSA 1974: 158)

Na procura por uma linguagem crítica José Veríssimo deixará de lado alguns conceitos que, no seu julgamento, não poderiam interpretar a cultura e utiliza-se de conceitos que ao mesmo tempo refletem o caráter nacional e o universalismo da criação literária — unidade de inspiração, unidade de pensamento, unidade de expressão, nacionalidade, entre muitos outros.

Por isso afirmar que o movimento modernista de 1870 serve para o crítico paraense como um meio de validação da literatura brasileira e, ao mesmo tempo, como um modo de refinamento de sua tarefa crítica cujo remate é a *História da literatura brasileira* em 1916. Nesse sentido a busca por elementos que refinem sua tarefa como crítico — negando alguns postulados do modernismo e ratificando algumas idéias de Machado de Assis — podem ser exemplificadas com as posições assumidas pelo crítico em ensaio de 19 de fevereiro de 1900, nas páginas do *Jornal do Comércio* e publicado posteriormente na obra *Que é literatura? e outros escritos* (1907), intitulado “Questões literárias”. Nesse ensaio o crítico, com base em C.T. Winchester, desenvolve a relativização do ofício da crítica ao mostrar que “a constituição da crítica como um corpus, um cânon, certo e invariável de doutrina, sempre aplicável

como um padrão em todos os casos, é, talvez impossível” (VERÍSSIMO 1907: 73).

A obra de Machado de Assis, portanto, torna-se o centro do cânone de sua *História* porque o crítico relativiza alguns conceitos, tomados no “bando de idéias novas” e estabelece critérios no qual a atividade literária de determinado escritor vincule-se ao processo de transformação do “sentimento nacional” em sentimento universal e, ao mesmo tempo, possua originalidade estética. O escritor original, em suma, consegue sobreviver a qualquer tipo de crítica:

Toda a questão para mim, como outro dia disse, é que o gosto, mesmo o capricho, individual, o que se chama o impressionismo crítico, será forçosamente limitado em um crítico de cultura, de educação literária, de honestidade pessoal e probidade profissional pelas próprias determinações da natureza humana e pelo conjunto de princípios derivados da meditação da vasta obra literária de trinta séculos. E a prova que nenhuma incompatibilidade há entre a individualidade ou antes o individualismo do crítico e esses princípios — que têm, aliás, um ponto comum na mesma unidade da natureza humana — é que críticos, os mais diferentes de temperamento, de gênio, de raça, de métodos, chegaram afinal, na apreciação das grandes obras literárias da humanidade, às mesmas conclusões. (VERÍSSIMO 1907: 74-5).

Nesse sentido, José Veríssimo acredita que existe uma incompatibilidade entre os métodos críticos do chamado Modernismo e a produção artística de Machado de Assis. É importante lembrar, porém, que o crítico paraense, como salienta João Alexandre Barbosa em sua obra *A tradição do impasse*, passou por uma fase pela qual adotou posturas etnográficas frente ao fenômeno literário, mas acabou transformando esse conjunto de regras em um ingrediente para marcar dois períodos na literatura brasileira — colonial e nacional — e suas relações com a formação do cânone literário nacional. Após vislumbrar outras fontes críticas — ingleses, alemães, italianos, americanos, entre outros — José Veríssimo começa a “desconfiar” das idéias modernistas, mas o crítico também aprende que o “puro e vago impressionismo” também não pode ser critério único para a análise literária: “Disse um crítico alemão que é uma prova de atraso discutir sobre idealismo e realismo” (VERÍSSIMO 1907: 79). José Veríssimo estabelece para sua *História* princípios próprios que formam um amálgama de todas as suas experiências

como um incansável leitor. Tal obra passa a ser, de certa forma, um filtro de todas as leituras do crítico num período de vinte e cinco anos, estudando escritores estrangeiros e brasileiros, na busca da interpretação da literatura brasileira: “Um método só e exclusivo em crítica é, com efeito, por via de regra, perigoso e falaz, e o único meio de escapar aos defeitos que lhe são próprios será verificar os seus resultados por outros processos, sujeita-lo a outras provas, examinar e estudar os fatos à outra luz”(VERÍSSIMO 1900: 8).

Ao excluir Machado de Assis do critério apenas nacionalista, José Veríssimo distancia-se das “idéias novas” da “geração de 70” que propunham métodos fundamentados no cientificismo naturalista, promovendo a valorização da atividade crítico-literária, não mais considerando a literatura como investigação histórico-social. O crítico paraense pretende, deste modo, legitimar a atividade crítico-literária num país que possuía uma deprimente realidade político-social: “Ao se distanciar das solicitações imediatas do meio e do momento, o escritor poderia romper com a ótica nacionalista, tornando sua obra dissonante perante a sociedade, o que mostraria a inadequação dos critérios naturalistas de representatividade” (VENTURA 1991: 117).

Afastar-se das “idéias modernistas”, e aproximar-se de Machado de Assis, indicava para José Veríssimo a possibilidade de romper com tradição de colônia que, de certa forma, regiam os modelos críticos e literários. Adaptar idéias estrangeiras para compreender a realidade local significa para Veríssimo a comprovação de que o Brasil deve ser explicado sempre pela visão do estrangeiro. Ao assumir Machado de Assis e, por conseguinte, uma linguagem crítica original, Veríssimo considera a crítica literária como importante no papel de formação da consciência estética e não como algo que fortalecerá as mudanças sociais no Brasil. Num país que acreditava na eficácia da representação nacionalista, vista por matrizes européias, como forma de progresso histórico-social, Veríssimo, assim como Machado de Assis, propunham a profissionalização do escritor e valorização da cultura como única forma de formação da inteligência nacional. Numa posição cética frente ao modernismo, Veríssimo acredita que a literatura “é sem ação ou influência em um povo, como o nosso, que não lê e nem ao menos possui bastante desenvolvido e forte o sentir nacional para, a exemplo de outros, receber dos seus escritores e pensadores, por uma espécie de assimilação inconsciente, ensinamentos e ditames” (1899: x).

BIBLIOGRAFIA:

BARBOSA, J. A. *A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.

- BLOOM, H. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. 2a. ed.. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- CARPEAUX, O. M. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1963.
- FRYE, N. *O caminho crítico: um ensaio sobre o contexto social da crítica literária*. Trad. Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ASSIS, M. de. “Literatura brasileira: instinto de nacionalidade.” *Crítica literária*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938.
- MARTINS, W.. “O crítico José Veríssimo.” In: *Suplemento literário de O Estado de S. Paulo* (14 de maio de 1957): 5.
- TEIXEIRA, I. “A anatomia do crítico.” *Revista Cult* (junho de 1998): 38.
- VENTURA, R. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil — 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991
- VERÍSSIMO, J. “Um americano e a literatura americana.” *Homens e cousas estrangeiras (1899-1900)*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902.
- . Das condições da produção literária no Brasil. *Jornal do Comércio*, 09 de julho de 1900. p.08
- . *Estudos brasileiros* (1889). Rio de Janeiro: Garnier, 1899. p. X
- . *Historia da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.
- . “A nossa evolução literária.” *Últimos estudos de literatura brasileira: 7ª. série*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.
- . “Questões literárias.” *Que é literatura? e outros escritos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.
- . “Variedades literárias.” *Que é literatura? e outros escritos*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907.